



O NOSSO RACISMO: O RACISMO NO COTIDIANO E SUAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO

EVELYN FOES DOMINGUES DAS NEVES, GABRIELLE VAZ, MILEIDE LEME DO NASCIMENTO, CAMILA MOLENA DE ASSIS

RESUMO

Introdução: A sociedade está enraizada em “ditos populares” pejorativos que ganharam força ao longo dos anos, esses que, incluem em falas do cotidiano sem saber o seu real significado, seja por falta de conhecimento ou por opção de apenas ignorar e seguir adiante. O Brasil, mesmo com toda sua diversidade de raças, ainda é um país que demonstra resistência em abraçar as diferenças do outro, com isso, nota-se a importância de se debater as diversas formas de racismo que nossa sociedade carrega. **Objetivo:** Tem-se como objetivo trazer à tona os termos pejorativos que se usa no dia a dia, como “listra negra”, “criado-mudo”, “meia tigela”, entre outros, além de abordar questões do racismo contra pessoas amarelas, que embora seja pouco discutido, também são discriminadas e morrem todos os anos pelo ódio atribuído a elas, e com avanço da pandemia da covid-19 essa prática se tornou constante não só no Brasil, mas no mundo. **Materiais e Métodos:** Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e analítica para se ter embasamento nas discussões e a Política Nacional de Educação Ambiental que aborda tópicos como diversidade, ética, pluralidade, entre outros princípios fundamentais. **Resultados:** Foi desenvolvida uma cartilha educativa expondo os termos racistas contra pessoas negras e amarelas, e seus devidos significados. A cartilha também aborda sobre outros tipos de racismo, como o racismo simbólico, moderno, aversivo, ambivalente, cordial e o racismo ambiental. Por conseguinte, através da cartilha foi desenvolvido um banner educativo posto nas dependências do prédio da Faculdade e exposto no programa “Ciência na Praça” apresentado pela FATEC Jundiaí – Deputado Ary Fossen. **Conclusão:** Com isso, pôde-se observar a importância da educação ambiental no meio social e acadêmico, e principalmente, a importância de se abordar esse tema que embora seja sensível precisa ser debatido.

Palavras-chave: Racismo. Pretos. Amarelos. Sustentabilidade. Cartilha.

1 INTRODUÇÃO

O racismo perpetua na sociedade há séculos, no Brasil isso se inicia com a colonização portuguesa. “A situação do negro brasileiro e de sua inferioridade vem dos tempos da colonização, quando se buscavam na África escravos para uma mão-de-obra quase sem custos” (SILVA, 2015). Conforme Almeida (2019).

Racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019)

Carneiro (1996) diferencia o racismo da discriminação racial, sendo o último termo definido como: “Tratamento desfavorável dado a uma pessoa ou grupo com base em características raciais ou étnicas” (CARNEIRO, 1996).

Muito mais que apenas discriminação ou preconceito racial, é uma doutrina que afirma haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças são, por sua natureza, superiores a outras. [...] O racismo deforma o sentido científico do conceito de raça, utilizando-o para caracterizar diferenças religiosas, linguísticas e culturais. (CARNEIRO, 1996).

Quando uma pessoa negra é impedida de exercer sua função dentro de uma organização, ocupa cargos inferiores, mesmo tendo as mesmas competências de uma pessoa branca, ou recebe tratamento diferenciado pelo simples fato do tom da sua pele; podemos dizer que ela está sofrendo o chamado “racismo institucional”. Os ativistas Stokely Carmichael e Charles Hamilton, falam que o racismo institucional

[...] trata-se da falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica (MARTINS, 2017).

As teorias sobre o racismo e suas adequações em diferentes formas, presentes na sociedade: o racismo moderno, que vivemos na atualidade, representa um senso falso de injustiça e privação dos direitos a partir do momento em que negros adquirem e usufruem seus direitos, no Brasil, isso está relacionado a discussão sobre as cotas raciais em escolas estaduais e universidades; temos o racismo simbólico, está bastante atrelado equivocadamente a intervenção às crenças tradicionais conservacionistas, usando como pano de fundo a violação de valores através dos direitos das raças; do racismo aversivo, temos o que se assemelha mais ao racismo velado, sendo o aversivo a respeito aos sentimentos individuais de aversão ou até medo das raças, o que camufla esse sentimento é o discurso de desigualdade pregado pela maioria de racistas aversivos; o racismo ambivalente, se caracteriza pela dualidade de sentimentos sobre as raças, sendo ao mesmo tempo os negros associados a coisas negativas e “recompensados” com a empatia do branco, mantendo assim como o racismo aversivo essa falsa imagem de igualdade; o preconceito sutil, como o nome já evidencia, é uma maneira mais sutil e escondida de praticar o racismo, muito se vê pela meritocracia, pelos “elogios” que são dirigidos as raças, atitudes dos que não querem nem diminuir ou aumentar daqueles com raças diferentes; e o racismo cordial, trata-se de uma maneira comum e danosa de praticar racismo, como “brincadeiras”, “piadas”, os ditos populares, ações chamadas como inofensivas, mas que carregam um peso histórico e social (LIMA; VALA, 2004).

Não só o meio social é vítima do racismo, mas também o meio ambiente onde as pessoas estão inseridas, assim a educação ambiental também se encaixa como uma ferramenta que pode ajudar a informar e educar as pessoas para que entendam a ocorrência do racismo nos diferentes ambientes e respeitem à diversidade das pessoas, sendo que conforme a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, Capítulo I, Art.4º, inciso VIII, é princípio da educação ambiental o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Segundo Da Costa (2011) o racismo ambiental envolve não apenas grupos negros ou indígenas mas também, pescadores, caiçaras, caipiras, jangadeiros, populações ribeirinhas, marisqueiros, catadores de coco de babaçu, camponeses, catadores de sementes, extrativistas,

entre outras.

O racismo e o preconceito se manifestam de diversas formas, desde termos que são usados no cotidiano, xingamentos, agressões e até mesmo por meio de comentários que às vezes pode parecer um elogio como “você é japonês, deve ser bom em tudo”, mas machuca e rotula as pessoas amarelas que convivem com isso dentro de escolas, universidades, empresas, congressos e até mesmo em uma roda social de conversas com os amigos. Segundo dados coletados pelo IBGE para a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNDA) 2019, “1,1% da população brasileira se declara como amarelos ou indígena” e o Brasil possui a segunda maior colonização japonesa fora do Japão.

O racismo com pessoas amarelas ou asiáticas ainda é um assunto delicado e que comumente não é tão debatido, por isso, a manifestação do preconceito e do ódio contra essa classe está sendo normalizado e virando motivo de piada. Após a pandemia da COVID-19 o ato se intensificou; mas como normalizar uma piada que mata, discrimina e ataca um grupo de pessoas? Para se ter ideia, o “Stop AAPI HATE”, um centro criado para registrar crimes de ódio e incidências de violência contra asiáticos, em menos de um ano de criação, apenas durante a pandemia recebeu 3.795 relatos apenas nos Estados Unidos (G1¹, 2021).

Nos vestibulares e universidades do país, o preconceito contra essa raça é escancarado com frases como, “*Para entrar na USP, tem que matar um japonês*”, “*Se tem um japa na sala, já pode desistir da vaga*”, isso sem contar os termos pejorativos e ofensivos como “*xing ling*”, “*comedores de cachorro*”, “*disseminadores da Covid-19*” e ainda, falar que toda pessoa amarela seja ela de descendência coreana, chinesa ou taiwaneses são tudo “*japa*”, sem se importar com suas crenças, costumes cultura e raízes.

O presente trabalho tem como objetivo fazer um levantamento teórico sobre racismo e desenvolver meios de comunicação na forma de folder digital e impresso. A apresentação foi feita no evento “Ciência na Praça” que foi realizado na FATEC de Jundiaí, no dia 31 de maio de 2022 e a forma digital será com postagens de cartilhas no Instagram do Centro de Educação Ambiental (@cea.fatecjdj), meio de comunicação com grande propagação de informações atualmente.

Estudar e partilhar a causa e o peso do preconceito, trazendo em pauta a discussão racial, é se comprometer com o desenvolvimento crítico do indivíduo, buscando alcançar o protagonismo do aluno, promovendo um viés libertário, possibilitando sair do senso comum e reforçando a criatividade e uma nova perspectiva sobre o próximo, reforçando o respeito entre todos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Iniciou-se o trabalho através de uma pesquisa exploratória. Conforme Gil (2002), estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com os problemas, com vistas a torná-lo mais explícito. Utilizou-se *Google Acadêmico* com as palavras-chaves: Racismo, Histórico e políticas, crimes. O estudo da pesquisa tem como importância trazer o conhecimento sobre quanto o racismo é enraizado no cotidiano, e dessa forma necessitamos enfrentá-lo através de metodologias descolonizadoras e da leitura do mundo em que vivemos, e sua realidade, que acaba oprimindo pretos e pretas, que lidam com suas angústias sozinhos, na própria correria diária.

Pesquisou-se sobre cartilhas e como desenvolver a criação de uma, listando um passo a passo para poder separar por etapas. Optou-se inicialmente em buscar imagens de fundo das cartilhas, pensando em cores quentes, estas que possam simbolizar uma luta, e que representam

¹ Portal de notícias brasileiro do grupo Globo e Central Globo de Jornalismo.

também cores de matrizes africanas. Utilizou-se imagens de mulheres e homens pretos, ao fundo das cartilhas, enfatizando a causa e ressaltando mais ainda o tema. Após a seleção de cores e imagens, verificou-se o tipo de linguagem e frases curtas para preencher e passar a informação do objetivo do trabalho. Verificou-se as fontes das letras, para que os leitores consigam compreender melhor, sem qualquer tipo de informação ser passada para trás. Foi possível explorar bastante os recursos visuais na cartilha, sendo possível compartilhar conhecimento.

Podendo assim, transparecer e explicar de forma educativa, expondo o tema para que qualquer um possa ter acesso fácil e compreensão rápida, utilizamos de cartilhas e vocabulários que são comuns em conversas e trocas frequentes. Dessa forma, pôde-se levar o estudo adquirido, compartilhando amplamente o tema através da citação de livros, filmes, músicas, e artistas atuais, que ajudam a enaltecer a representatividade, pois tudo que se consome de mídia no dia a dia, torna-se possível chamar mais atenção e dar destaque para o assunto, trazendo uma reflexão sobre o tema, e uma compreensão mais profunda do racismo e de suas problemáticas, pois o Brasil (e o mundo) carregando uma responsabilidade histórica na construção e manutenção da desigualdade racial.

A divulgação ocorreu em dois meios diferentes, com objetivo de atingir o maior número de pessoas.

A conta digital no Instagram do Centro de Educação Ambiental da Fatec de Jundiaí foi utilizada para acessar a plataforma e fazer a divulgação do conteúdo.

A segunda maneira foi o evento “Ciência na Praça”, realizado na FATEC Jundiaí, guiado especificamente pelos alunos do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental da própria faculdade, que apresentaram diversos tipos de projetos e temas; o objetivo foi, além do contato indireto pelas redes sociais, ter também um contato direto com o receptor, de maneira que ele fique confortável para suprimir todas as dúvidas pendentes.

Todo conteúdo foi produzido pelas próprias autoras através da plataforma CANVA. As imagens foram retiradas do Google Imagens e da própria plataforma de criação CANVA.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho foi realizado tendo como seu foco um assunto ainda pouco explorado, assunto esse que se trata sobre os termos pejorativos usados com pessoas pretas e amarelas. Foi então desenvolvida uma cartilha educativa como mostram as Figura 1 e Figura 2, visando trazer informações e conhecimentos ao público com o tema escolhido, suas características são dinâmicas e didáticas que levam ao público uma maneira mais simplificada de entender o que é o racismo e os seus termos.



Figura 1 – Capa da cartilha
Própria autoria



Figura 2 – Apresentação da cartilha
Própria autoria

Através do conteúdo apresentado na cartilha, foi realizado um banner educativo, Figura 3, e exposto no projeto “Ciência na Praça” realizado pela Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - Fatec Jundiaí no dia 31 de maio de 2022. O banner ficou exposto em um mural para ser analisado por todos que estiveram presente no evento ou que passassem pelas dependências do prédio. Sendo assim, em uma leitura simples, com linguagem acessível, as pessoas puderam fazer suas próprias reflexões e através delas pesquisar mais a fundo sobre o tema, e quem sabe, até mesmo rever o seu vocabulário no cotidiano.



Figura 3 – Banner para o ciência na praça
Própria autoria

Assim como o banner físico foi desenvolvido e apresentado para o público mais próximo, foi também elaborado um banner digital e postado nas redes sociais oficiais da Faculdade (@cea.fatecjdj), apresentado na Figura 4, e compartilhada pelos alunos, com objetivo de levar este conteúdo a um patamar mais amplo e alcançar um público-alvo maior, de todas as raças e idades. Com isso, esse tema permitiu que não somente cinco mulheres estudantes entendessem melhor sobre o racismo, crenças, culturas e diversidades, como também, buscou levar ao próximo o entendimento e sensibilidade com as diferenças que estão inseridas em nosso meio.



Figura 4 – Post nas redes sociais
Própria autoria

A educação ambiental também pode ser um meio que pode auxiliar a informar e educar a população para que entendam a ocorrência de racismo nos diferentes ambientes e respeitem a diversidade, conforme artigo 5º Caput VII da Lei 9757 tem-se “o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.”

Observa-se que este material também pode ser utilizado de forma transversal em outras disciplinas e podendo ser trabalhada junto com os Objetivos de desenvolvimento Sustentável (ODS), 10, Redução das desigualdades.

4 CONCLUSÃO

A educação ambiental, tema que possui a própria política instituída, é um assunto que diferentemente do que muitos pensam não se limita à solo, água e ar. Na Política Nacional de Educação Ambiental, são abordados diversos tópicos como diversidade, ética, pluralidade, enfoque democrático, entre outros princípios que auxiliam na compreensão do meio ambiente e suas relações socioeconômicas.

Portanto, o racismo independentemente de seu contexto, sendo uma questão inserida na sociedade pode se manifestar de diversas maneiras como elencado anteriormente, desta forma, a educação ambiental é um dos múltiplos instrumentos para serem utilizados contra essa forma de ódio.

Deste modo, a disseminação de informações é um mecanismo para incentivar ações contra o racismo e provocar mudanças no pensamento e julgamento de cada indivíduo, utilizando a educação ambiental como ferramenta de transformação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BRASIL. Constituição (1999). **Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm. Acesso em: 15 mar 2022.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O discurso da intolerância: fontes para o estudo do racismo. **FONTES HISTÓRICAS: Abordagens e Métodos**. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras–UNESP. Campus de Assis. Programa de Pós-Graduação em História, p. 21-32, 1996.

DA COSTA, Lara Moutinho. Territorialidade e racismo ambiental: elementos para se pensar a educação ambiental crítica em unidades de conservação. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 6, n. 1, p. 101-122, 2011.

G1. **Estados Unidos registram milhares de ataques a asiáticos durante pandemia**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/17/estados-unidos-registram-milhares-de-ataques-a-asiaticos-durante-pandemia.ghtml>. Acesso em: 02 maio 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em: 02 maio 2022.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estudos de Psicologia, 2004, v. 9, n. 3, pp. 401-

MARTINS, Vinícius. **Racismo na saúde: da esterilização às mortes maternas**. 2017. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/digital/files/2017/10/Racismo-na-sa%C3%BAde_-da-esteriliza%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0s-mortes-maternas.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

SILVA, Thais de Oliveira. **A história do racismo**. 2015. Disponível em: <https://silvinha1792.jusbrasil.com.br/artigos/205769162/a-historia-do-racismo>. Acesso em: 23 fev. 2022.